

Ecclesia



Janeiro de 1950

Ano 2.º

N.º 5



Dr. João Allen Fitzregerald Gregg

Lord-Arcebispo de Armagh, Primaz de toda a Irlanda. Venerando Presidente do Revmo. Conselho Episcopal Provisório de Patrocínio da Igreja Lusitana. Ilustre autor de "A Igreja, a sua Responsabilidade e o seu Dever", estudos insertos nos números anterior e actual de ECCLESIA.

Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Avenida Cinco de Outubro, 275-2.º Dto. - LISBOA - Tel. 70722

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Avenida da República, 1118 - VILA NOVA DE GAIA

APELO À JUVENTUDE

STAFFORD CRIPPS, o notável estadista britânico, dirigiu há pouco, ao mundo, uma mensagem que transcende em muito as pequenas e as grandes intrigas do momento universal — e tantas são elas!

Transcende-as, a mensagem de Stafford Cripps, porque tem por alvo os jovens, essas cristas de espuma alvíssima e fervente que ornaram as sumidades das ondas do grande e mexido mar humano, até que nas mesmas ondas se dissolvem para ver surgir outras espumas. Transcende-as também porque o seu fundo e seu impulso é o Santo Evangelho.

Milhões de jovens já foram, pelo materialismo anticristão, "arrastados para a sua própria ruína com toda a violência dos feitos espantosos", diz Stafford Cripps; e mostra-nos no outro foco rival — a fé cristã, na qual "temos qualquer coisa de maior e melhor

do que toda a ideologia fabricada pelo homem; porque a nossa religião é de origem divina".

E o ilustre homem público que fez esta bela declaração, acrescentou: "O nível da vida cristã resulta dum fé profunda e forte na Igreja, na confiança em que somos capazes de manter permanentemente os princípios cristãos através de uma associação vital com uma Igreja dinâmica. É

dever e função da Igreja interpretar os ensinamentos cristãos acerca dos problemas sociais e económicos".

Oxalá a Igreja de Jesus Cristo, a **Una Sancta**, ouça e compreenda o apelo que lhe é feito, e por sua vez faça à Juventude um apelo afectuoso, maternal, inteligente, alegre, e compreensivo da alma e das necessidades dos Novos, atraindo-os ao seu regaço amoroso, onde sintam palpitar o coração do próprio e bem-dito Mestre e Salvador.

SUMÁRIO DO N.º 5

Apelo à Juventude	1
Reminiscências e Perspectivas	2
O Dever da Igreja, pelo Arcebispo de Armagh	5
Problemas Ecuménicos, pelo Dr. Luis Pereira	8
No Átrio; na Nave: Cinzas	9
Edições Bíblicas	10
Sombras em Fundo Aureo	11
A propósito do Domingo, por João Bosc	11
Realização, versos de Luso-Bemaldo	12
Sonetos de Marcos Mata e J. P. de Pina Cabral	12
Na Seara	13
No Lar: Castilho e as E. D.	13
O Lugar da Poiménica no Pensamento Cristão	14

OS primeiros oito dias deste trimestre decorrerá no mundo a 104.^a observância da Semana Universal de Oração, promovida pela Aliança Evangélica Mundial (organização britânica). O convite vem assinado pelos Arcebispos de Cantuária e Iorque, assim como pelo Moderador da Igreja da Escócia, os altos representantes das Igrejas Livres e o Moderador do Conselho Federal das Igrejas Livres, e as Sociedades Bíblicas e Missionárias. Que seja de grande bênção em todo o mundo esta iniciativa.

O Estado de Israel não aceita a tese da internacionalização de Jerusalém, mas promete assegurar o livre acesso aos Lugares Santos. Para aqueles cristãos que creem ter assegurado o acesso aos "lugares celestes em Jesus Cristo" (S. Paulo aos Efésios 2:6) tanto monta que Jerusalém esteja à guarda de Israel como das outras nações que se espiam, se guerreiam e se maldizem. Lembramo-nos, decerto, que ainda há meio século eram os soldados turcos que evitavam as guerrilhas entre gregos, romanos, coptas e maronitas, que se repartem o espaço da basílica do Santo Sepulcro. . E se Jerusalém deve ser internacionalizada, que diremos de Meca, de Roma e de Estambul? Não são várias as nações que partilham a sua veneração pelas relíquias desses centros tradicionais das religiões de culto sensorial?

Está de luto a família evangélica pela partida deste mundo de uma das Mulheres Cristãs mais conspícuas com quem a Cristandade Reformada tem entre nós contado nestes últimos quarenta anos, pela sua operosidade, bom senso, modéstia, largueza de ânimo e piedade—D. Laura Moreton, a viuva do ante-penúltimo agente da Sociedade Bíblica Britânica em Portugal. Fica bem, aqui, o desfolhar duma saudade, e o endereçar a Deus uma sentida gratidão pela concessão que nos fez desta Sua serva, pelo espaço de uma geração.

Por gentil convite de Narciso de Morais, artista cujo prestígio cresce de ano para ano, fomos à Casa do Alentejo ver a sua exposição de aquarelas. Saímos consolados, tonificados por

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

aquele banho de cor e de luz, recebido dos seus quarenta quadros, tão verdadeiros, tão equilibrados, e tão portugueses. Os olhos deste ilustre pintor são olhos cristãos, na probidade da visão, na inteligência de coração com que escolhe os temas, na compreensão nada pagã da humildade dos campos, humildade fresca e risonha como a sentiu o génio de S. Francisco de Assis. A "Estalagem Quinhentista" tem a doçura e a suavidade duma aquarela inglesa; a "Avôzinha" é uma peça de museu de arte; trechos há da nossa Alfama e da nossa Mouraria em que parece sentir-se o passar dos pinceis de mestre Gameiro. Um abraço de velho amigo ao talentoso aquarelista de quem muito mais esperamos.

Sabemos que sempre tem havido cristãos convertidos dentro da Comunhão Romana, apesar da necessidade de Reforma que ela acusa: almas que positivamente confiam nos méritos da morte do Cristo de Deus—**J. H. S.** Duvidar de tal seria trazer a dúvida para um arraial onde os grupos se acusam, em voz alta ou baixa, de menos fidelidade ao ensino bíblico. Mas o que também sabemos é que a política romana, como outras aliás, eclesiásticas ou para-eclesiásticas, tem estado muitas vezes em mãos profanas, até de pagãos sob disfarce. E quantos males isso tem acarretado à alma das multidões!

O "Diário de Luanda" publicou há tempos uma interessante entrevista com o Dr. João A. Reuling, inspector das missões evangélicas que esteve por algum tempo de visita a Angola. Era a terceira vez que ali estava, e regressou com as melhores impressões pelo que já viu realizado, em matéria de higiene, assistência médica, fomento e ensino agrícola, etc. Informou o jornalista que estão em Joanesburgo cinco mil colonos que emigram através da fronteira do Moxico. Há muitos problemas a resolver na acção colonial, que só teriam solução perfeita numa cooperação bem orientada, de todos que por ela tem verdadeiro interesse.

Temos visto meninas na adolescência, frequentando sòzinhas lugares públicos, a pedir subsídios para instituições ligadas à Igreja Romana. Atrevemo-nos a chamar a atenção de quem em tal possa superintender, para o perigo moral que em Portugal isto representa, enquanto não se fizer eficientemente uma campanha de "Cavalheirismo Cristão". E cremos que basta sobre o assunto, que para todos os pais será bem claro.

Agradecemos à "Aurora Evangélica" ter chamado a nossa atenção para uma tradução antiga da letra latina do "Adeste Fideles", que vem em Salmos e Hinos n.º 439, assinada por J. T. H. (James Theodoré Houston 1847-?). Confessamos que não reparáramos nela ao tempo de escrever o artigo de Dezembro de 1930; mas posteriormente, em revisão do hinário com o Dr. Luiz Pereira, foi essa preferida à outra da nossa autoria.

Em "A Voz de Fátima" de 13 de Novembro, conta-nos o sr. Visconde de Montelo que veio este ano a Portugal um grupo de suíços para pedir à Bem-Aventurada Maria a conversão dos pastores protestantes do seu país. Achamos nós que, se existe algum pastor protestante ou algum sacerdote romano não convertido, devemos pedir todos a sua conversão a Deus Trino, pela intercessão do Filho, Nosso Senhor e Salvador. Porque "só há um Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem". Di-lo S. Paulo, inspirado pelo Espírito Santo. Nesse mesmo número, que ocasionalmente nos veio às mãos, conta o P. Schaegeleir que em Nairóbi e Quilossa, na Africa Oriental Inglesa, onde os governos são "protestantes" e a população em geral muçulmana, tudo foi esperar a imagem de Fátima, estando lá também os protestantes. Não custa a crer que muitos curiosos fossem observar o aparato; mas os verdadeiros cristãos que respeitam a memória da Bem-dita Virgem e por isso mesmo não são marianistas, e os islamitas rigorosos, contrários a toda a veneração de objectos materiais, não terão tomado parte em actos que em sua consciência reputam contrários ao culto a Deus. Uma curiosa fotografia representando a oferta duma bandeira para o Santuário de Fátima, tra-

zida pelos peregrinos irlandeses, apresenta-nos um "Mr. Harvey, pastor protestante convertido, grande amigo e propagandista de Fátima", que se vê em mangas de camisa junto da bandeira. A qualquer pessoa de bom senso e não peitada vem logo a impressão de se tratar pelo menos de um excêntrico. E ele não se ofenderá que o digamos, se deixou de ter como centro da vida e da fé Aquele de Quem Sua Mãe disse: "Fazei tudo quanto Ele vos disser", Aquele que disse: "Todo o que ouve a minha palavra e a põe por obra, esse é meu irmão e irmã e mãe". Amemos intensamente a memória de Santa Maria, mas por isso mesmo respeitemos a modéstia admirável que a caracterizou na terra, não a deificando contra o ensino das Sagradas Escrituras (Lucas 4:8 e vs. paralelos e Deuteronomio 6:13 e 10:20, etc.).

Aqui há poucos lustros criaram-se alianças para a paz, mais ou menos cristãs. E que fizeram? Viagens para congressos e refeições. Falou-se e comeu-se, o que é incontestavelmente bom para estabelecer relações de fraternidade; mas é pouco. Que bom teria sido, por exemplo, encomendar a um cristão espanhol e a um português uma história popular das nações peninsulares! Necessariamente reduzir-se-ia a glória de Aljubarrota e a da Ponte de Alcântara, sendo para isso a melhor forma, como opina sábiamente o sr. Prof. Ferreira de Mira, deixar de falar em proesas guerreiras. Em contraposição, quanto haveria para dizer, de útil e de eficazmente progressivo!

O professor sorbonista Labriolle diz-nos (in "La Réaction Païenne", Paris, 1934, p. 40, nota) que, entre os críticos modernos, Ernesto Havet, Carlos Pascal e outros atribuem aos cristãos o incêndio de Roma, em 19 de Julho de 64. Mas analisando plàcidamente o texto de Tácito, ele chega à conclusão honesta de que esse único documento que nos chegou (de que aliás ainda alguns duvidam) nos aponta Nero como o culpado de tão execranda maldade. Tácito despreza os cristãos mas respeita a verdade histórica. E que impulso teriam os cristãos na sua **mística** para destruir a cidade? Estavam tão perto do ensino de amor de Jesus Cristo e tão longe do ódio medieval espalhado pela futura Roma dos Papas, e até da intolerância dos primeiros reformadores!

E que interesse poderiam ter nesse crime, se pensassem em realizá-lo? Nenhum, decerto. Só perigo, se descobertos. Só prejuízo, mesmo que não descobertos. Só a condenação dos homens, se o delicto lhes fosse atribuído. Só a condenação de Deus, mesmo que o não fosse.

Completou o seu quinquagésimo ano de pregador da Igreja Lusitana o Rev. Josué Ferreira de Sousa, terceiro ministro da Congregação de São Pedro, em Lisboa. Agradecemos a Deus a fidelidade e constância deste Seu servo e a amizade que nos une. Seja ainda muito abençoado este estimado membro do clero católico reformado.

Guy Rowe é um extraordinário pintor. O **Time** de 10 de Outubro último chama-lhe "pequeno artista de cabelos brancos", e conta como ele, aos 55 anos, foi descoberto pelo editor Houston Harte, de San Angelo, que lhe encomendou a ilustração do livro "In Our Image". A ideia geradora desta obra (**na nossa imagem**) foi o trazer à nossa época e à nossa concepção as personagens bíblicas, encarnando-as nos tipos com quem nos encontramos hoje, isto é, buscando tipos actuais como "réplicas" das vidas que as Escrituras Sagradas nos descrevem. Rowe, quando recebeu o encargo, quase nada conhecia da Bíblia, mas durante meses leu-a e releu-a. Depois, pacientemente, procurou os semblantes e os vultos desejados entre os parentes e amigos, e porfim entre desconhecidos que se lhe depararam. Seu filho e nora forneceram-lhe o Adão e a Eva que imaginara, e um desconhecido de longa barba, fortuitamente encontrado, foi o seu Elias. Mas o que verdadeiramente nos maravilha é a concepção e a realização dos seus tipos. Isaías, cuja figura de profeta tanto impressionou o artista, é formidável de expressão. As mãos enclavinadas de David, na auge da sua aflição, depois do pecado, merecem pôr-se a par das que Durer desenhou, expressão máxima da oração serena do que se entrega a seu Confortador. José rodeado dos irmãos é trabalho que basta para perpetuar o nome de Rowe como ilustrador da Bíblia. O jovem, com seu manto multicolor, surge ao meio do quadro, de rosto meio sorridente, alheado sem desprezo nem receio da ferocidade que inflama os olhos de uns, como da torva ruminação de vingança que

faz descair as pálpebras de outros. Só se vê nos olhos de José uma simpatia universal e a serenidade feliz que provém da posse dum grande ideal. A quem inquiriu de Rowe qual o efeito que a leitura das Escrituras produzira nele, respondeu: "Não sei explicar por palavras; tenho-me elevado às mais altas regiões para captar o espírito dos profetas..."

Em face da luta que vai pelo mundo, entre dois grupos de protestantes, um que tem por alvo expresso encontrar o meio de **unir** e o outro que, por método bem claro, está expressamente unindo para defender o separatismo, ousamos nós fazer estas perguntas: que diferença etimológica se encontra entre a "dissidência" por alguns confessada com toda a candura, e a "heresia" condenada pelas Santas Escrituras? Não é no fundo o mesmo? A semântica desculpará neste **caso** o **casuismo**? E também: se bebedices, calúnias e seitas, são postas por São Paulo no mesmo nível, qual deverá ser o nosso procedimento para com bêbados, caluniadores e sectários inveterados?

A Europa acusa a Ásia de despotismo e acusa a América de leviandade. A América acusa a Europa de insensatez e acusa a Ásia de atraso. A Ásia acusa a América de egoísmo e a Europa de anarquia. E afinal haverá razão para estas afirmativas descaridas? Toda a generalização é errónia. E deveremos lembrar que a Ásia foi o berço da Humanidade e também do Cristianismo. As glórias da Europa são imorredoiras e as esperanças que todos fundamos na América são evidentes. É bem preferível discutir ideias pelo valor delas e não pela sua procedência. Pode ser que a origem seja, em certos casos, factor a considerar, mas nunca será um estigma para condenar, nem circunstância única que se invoque na sentença.

Todos os escritos que em ECCLESIA não trazem assinatura são da responsabilidade literária e doutrinal do seu director, excepto, como é óbvio, a secção oficial do colendo Sínodo — "Forum". Evidentemente o director é responsável perante o referido Sínodo Geral do que sob sua responsabilidade se publica.

OS deveres mais importantes da Igreja visível, são em número de três:

a) O de dar testemunho da Verdade de Deus revelada em Cristo.

b) O adorar a Deus.

c) O de ensinar os homens a viverem como filhos do Pai Celeste.

a) **Testemunho da Verdade.** Deus, que em muitos lugares e de muitas maneiras falou, nos dias passados, aos Pais, pelos profetas, falou nestes últimos, num Filho. Cristianismo é Cristo, ou antes a Divindade revelada na Pessoa de Cristo e por meio dela. A revelação progressiva de Deus pelos profetas do Velho Testamento é seguida e completada pela revelação do próprio Pai, por meio do Verbo incarnado. E é para proclamar Deus em Cristo e para levar a humanidade a ver o mundo dos homens e das coisas à luz dessa revelação, que a Igreja foi enviada.

b) **Adorar a Deus.**

O conhecimento da Verdade deve levar-nos a prestar culto a Deus. O dever e privilégio mais alto do homem é, com reverência e temor piedoso, confessar, prostrar-se e dar glória ao seu Criador e Pai, todo santo, supremo e misericordioso.

Por esse motivo, a Igreja tem de viver neste mundo de forma a levar e a ensinar as criaturas de Deus, a adora-Lo, a admirar a Sua Majestade, Perfeição e Graça salvadora, a submeter-se voluntariamente e a executar a Sua Vontade.

Cristo é Sumo-sacerdote da Humanidade no Templo Celeste, em Sua perpétua Oblação e intercessão; e a Igreja, que é o Seu Corpo, deve ser ensinada a associar-se a esta oblação e intercessão, rendendo-se a si própria a Deus, na homenagem cordial dum louvor inteligente e de acções de graças fervorosas.

c) É também dever da Igreja ensinar aos homens como devem viver. A Igreja é onde reside a graça e é o seu canal, pela virtude do Espírito de Cristo que nela habita.

A Igreja é a suprema testemunha do Amor, daquele amor que liga Cristo à Sua Esposa (a Igreja) e que liga a Igreja a Cristo; do amor que

liga os seus membros uns aos outros, onde quer que eles vivam a vida colectiva de serviço e lealdade mútuos, na comunhão e paz do Espírito Santo.

A Igreja é também a suprema testemunha da ética cristã, baseada no ensino dado por Cristo e pelos Seus Apóstolos e no exemplo pessoal exibido pelo próprio Cristo; desta forma, como sal da terra e luz do mundo, sustenta um padrão de prática moral que, a ser tomado como regra de vida por todas as nações e indivíduos, faria com que o Reino de Deus fosse uma realização próxima e efectiva.

A Igreja visível, na medida em que desempenha estes deveres, exerce uma influência sobre uma civilização muitas vezes hostil, quase sempre indiferente, influência essa que, quer seja para juízo quer para inspiração, foi comparada, pelo falecido deão Church, à da Corrente do Golfo, um factor salutar e vivificador no Oceano.

Todavia a Grande Igreja não é um poder temporal. Não deve nunca, de qualquer maneira, levantar-se contra o Estado. Não tem, nem país, nem tribunais, nem

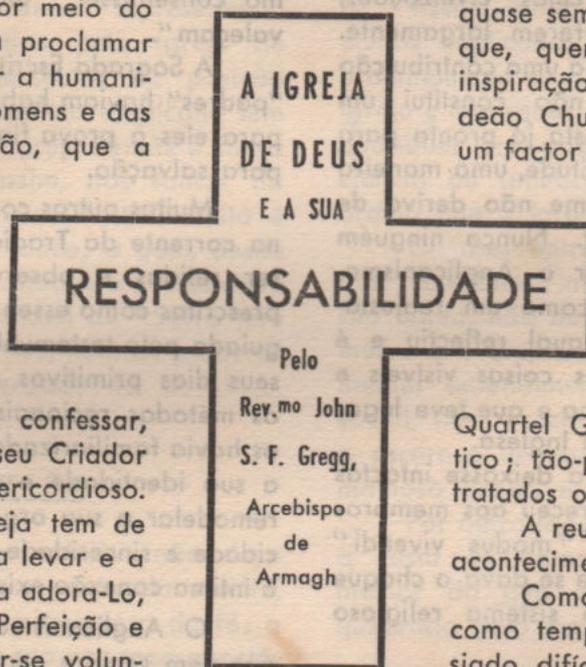
Quartel General, nem Corpo Diplomático; tão-pouco busca as vantagens de tratados ou concordatas.

A reunião dum Concílio Geral é um acontecimento dos mais raros.

Como Colectividade tanto espiritual como temporal, é, por natureza, demasiado difícil de fixar, para o prosseguimento de negociações seculares; contudo deve actuar no mundo indirectamente por meio dos seus membros.

Da mesma forma que a pressão atmosférica é silenciosa e imperceptível, e no entanto nem por isso deixa de ser real e universal, assim a Igreja visível exerce a sua influência e autoridade moral, através dos seus membros, que estão ligados a ela tanto por laços visíveis como por vínculos invisíveis, os quais membros, se usarem a Graça a eles concedida, podem estender a influência da sua Sociedade a todos os pontos de contacto que tiverem com os cidadãos do Estado secular.

É desta forma que, apesar da Igreja dever ter sempre objectivos mais ou menos **diferentes**



dos do mundo, pode por ela ser mantido e levantado o padrão da opinião e da moral públicas, e isto pelo impulso determinado daquele "sensus communis" que a Igreja, no exercício do seu ministério profético, desperta, molda e constroi na consciência dos seus filhos.

A Grande Igreja, porém, no que se refere às suas relações terrestres, é uma instituição subordinada ao tempo e ao espaço e é composta e, em parte, condicionada por seres humanos. E, nem que seja apenas para manter a sua própria identidade, ela deve ter regras e princípios cuja observância a distinguirá dos que não lhe pertencem.

É evidente que estas regras e princípios não devem ser demasiado estritos, se se pretende que sejam aceites por cristãos, cujas civilizações, idades e modos de reagir, diferem largamente. Talvez aqui o Anglicanismo tenha uma contribuição importante a oferecer. Ele não constitui um sistema lógico com uma resposta já pronta para cada pergunta; é antes uma atitude, uma maneira de ser do espírito. O seu nome não deriva de nenhum mestre ou reformador. Nunca ninguém se entregou à tarefa de criar o Anglicanismo. Pelo contrário, este emergiu como um reajustamento do sistema cristão, o qual reflectiu e é exigido pela aproximação das coisas visíveis e invisíveis da experiência humana e que teve lugar num período crítico da História Inglesa.

Este reajustamento, embora deixasse intactas as verdades dos "credos", ofereceu aos membros da Igreja de Inglaterra um "modus vivendi" equilibrado no momento em que se dava o choque entre a Cultura Nova e o sistema religioso tradicional.

Quando se deu a separação entre a Igreja de Inglaterra e o Papado já a crítica ao catolicismo tradicional havia despertado a mentalidade humana em toda a Europa, e os ingleses fôram por sua vez chamados a apreciar a doutrina e a prática da sua herança religiosa. Os seus teólogos examinaram as fontes, pesaram os testemunhos, analisaram as definições e exigiram factos, enfrentando o Novo Testamento Grego, o qual completava, ou até mesmo suplantava a Vulgata.

Em busca de terreno firme, escavaram até ao ensino e à prática da Igreja primitiva. Não os satisfazia mais a apresentação convencional da religião cristã, à qual a Igreja ocidental havia chegado depois de cinco séculos de isolamento da Igreja Ortodoxa.

Conheciam o suficiente das controvérsias entre o Oriente e o Ocidente para saberem que uma poderosa metade da Grande Igreja discutia irreconciliavelmente as exigências imperiosas do Bispo de Roma.

E assim, no seu desejo de conhecer o que na mentalidade da Igreja, na dividida, constitui as verdades essenciais de sua religião, apelaram para a Sagrada Escritura, e para a Tradição comparada com as Escrituras, à luz duma sã cultura, da razão e da experiência cristã. Eles não queriam nenhuma novidade por amor à novidade, nem nenhuma religião nacional por amor ao nacionalismo. Esforçar-se-iam em conservar tanto do antigo, quanto a Verdade por eles conhecida lho consentisse. "Que os antigos costumes prevaleçam".

A Sagrada Escritura, para a qual os primeiros "padres" haviam habitualmente apelado, tornou-se para eles a prova final do que tinha de ser crido para salvação.

Muitas outras coisas que lhes tinham chegado na corrente da Tradição, podiam, com vantagem, ser retidas e observadas, embora não fossem prescritas como essenciais. E assim a Igreja Inglesa, guiada pelo testemunho da Igreja não dividida nos seus dias primitivos e mais puros, e empregando os métodos racionais com os quais a sua época os havia familiarizado, pretendia, embora retivesse a sua identidade e continuidade com o passado, remodelar a sua organização em linhas de simplicidade e sinceridade que fariam sentir aos homens a íntima conexão existente entre a religião e a vida.

O Anglicanismo então, combinando (ainda que nem sempre reconciliando) a autoridade e a liberdade, a tradição e a razão, o respeito pelo precedente e a adaptabilidade a novas condições, defende a libertação do Cristianismo dos primeiros seis séculos, de acréscimos posteriores e não essenciais e apresenta-o na forma essencial do seu conteúdo original.

Defende perante a Cristandade aquilo que a História nos diz ser o depósito apostólico integral e irreduzível, que deve ser mantido e confessado por todos que quiserem fazer suas as palavras de S. Paciano: "Cristão é o meu nome e Católico o meu sobrenome".

É à base deste Catolicismo nuclear que a Comunhão Anglicana pretende ser um ramo verdadeiro da Grande Igreja e, à semelhança da

Igreja Ortodoxa no Oriente e da Igreja Latina no Ocidente, a sua presença e o seu órgão locais.

O Catolicismo essencial, como o entende a Comunhão Anglicana, envolve quatro elementos essenciais e indispensáveis.

1) A Sagrada Escritura como aquele critério final pelo qual devem ser provadas todas as crenças que se pretenda seja necessário confessar para salvação.

2) A plena fé do "Credo dos Apóstolos" e do "Credo de Niceia".

3) O uso fiel dos dois grandes Sacramentos do Evangelho como ordenados por Cristo.

4) O Ministério Apostólico de Bispos, Presbíteros e Diáconos, transmitido por aqueles que têm autoridade para transmitir.

O Livro de Oração Comum representa a interpretação dada na prática pela Igreja de Inglaterra, destes quatro elementos da posição católica. Porém, como no sistema anglicano têm surgido muitas variações nas Igrejas irmãs e filhas da Comunhão Anglicana, assim, nos ramos da Grande Igreja, uma variedade de rito infinita é compatível com a norma católica, a qual, desde dias remotos, admitiu sem dificuldade a necessidade prática numa comunidade mundial de "Salvo jure communionis diversa sentire" ou, noutras palavras "Unidade no essencial, liberdade no duvidoso, caridade em tudo".

Em conclusão

uma Igreja que pretende ser católica não deve ficar satisfeita com um gozo egoísta da sua fé, porque ela não é uma mera possuidora da fé; a fé possui-a a ela. E a fé, pela sua natureza apostólica, leva a Igreja a olhar para fóra e a procurar comunhão com outros grupos de cristãos. O estabelecimento ou a restauração da comunhão com estes Grupos separados, deve ser uma das mais graves preocupações, porque não deveria haver divisões no Corpo de Cristo, e todavia a divisão é um dos factos mais palpáveis e dolorosos da História do Cristianismo. O testemunho da Grande Igreja ao mundo, para já não falar no seu crescimento em santidade, é prejudicado mais do que se julga pelas divisões prevaletentes na Igreja de Cristo.

E todavia nenhum anelo por uma comunhão mais íntima pode justificar a inter-comunhão com uma sociedade que perdeu, e não mostra desejos

de recuperar, a sua aderência àquelas instituições, poucas mas vitais, que são os penhores de continuidade com a Igreja não dividida.

Desta forma a Grande Igreja hoje tem a consciência duma tensão trágica entre necessidades aparentemente irreconciliáveis.

A Igreja porém não é uma associação voluntária, que possa redigir ela própria as suas condições. É uma depositária cujo "depósito", "uma vez dado aos santos", tem sido transmitido por uma sucessão contínua, e os termos obrigatórios em que esse depósito lhe foi entregue condicionam para os seus membros — igrejas —, a maneira em que, como coluna e mordomo da Verdade, ela ha de dirigir os seus convites e dar as suas respostas.

Assim, ainda que de forma bem paradoxal, muitos anglicanos, os quais, por princípio, estão ardentemente desejosos de comunhão entre a sua Igreja e quaisquer outras, são compelidos a recusar quaisquer propostas de união que neguem a suficiência ou ameacem a integridade da fé e da ordem que a Igreja herdou.

Divisões entre grupos separados de cristãos, que reconhecem mutuamente a operação do Espírito Santo, não necessitam de impedir um respeito mútuo e o empreendimento dos esforços para um melhor entendimento e cooperação na reforma social, nem precisam de atrair mais a atenção e o escárneo do mundo por manifestações de acrimoniosa controvérsia.

Por outro lado, tudo quanto seja compreensão à custa de compromissos ilegítimos, não será melhor do que qualquer ponte que se tivesse quebrado pelo meio.

Tradução de

Luis C. R. Pereira

(por autorização especial.

Reservados os direitos de reprodução).

Aos nossos leitores e assinantes enviamos sinceros desejos de um ano repleto de bênçãos.

Ecclesia

Noticiava o periódico da respectiva "denominação", que a Conferência Metodista Inglesa de 1949, a propósito das conversações para a união orgânica com a Igreja de Inglaterra, afirmara que a Igreja Metodista nunca consentiria na reordenação, quer clara quer velada, dos seus ministros, pois não acreditava na união dada pela imposição das mãos de qualquer homem, mas apenas na união do Espírito Santo.

Estas palavras podem dar uma ideia errada da doutrina anglicana do ministério cristão, pelo que nos parece necessário, ainda que sem a menor intenção de controvérsia, recordar o que de facto a Igreja de Inglaterra e as outras Igrejas da Comunhão Anglicana ensinam a este respeito.

1.º Como os metodistas, os anglicanos crêem firmemente na "união" do Espírito Santo e na sua necessidade para o exercício do ministério.

Uma das perguntas feitas ao ordinando é se ele se sente interiormente movido pelo Espírito Santo a tomar sobre si o encargo e ministério para que vai ser ordenado.

2.º Os anglicanos acreditam (e os metodistas também devem acreditar, porque acreditam na Bíblia) que a imposição das mãos dum homem **pode** conferir um dom (ou "carisma" ou "união", se assim se lhe quiser chamar):

A imposição das mãos de Pedro e João aos samaritanos (Actos 8) e a das de Paulo aos efésios (Actos 9) não deixam dúvidas a este respeito.

S. Paulo lembra a Timóteo o "dom" recebido **pela** (no grego "dia") imposição das suas mãos e **com** (no grego "meta") a imposição das mãos do "presbitério".

3.º Os anglicanos crêem, como os metodistas, na eficácia da oração, e, por isso, julgam que não é de balde que aquele que ordena invoca o Espírito Santo sobre o ordinando, embora todos (metodistas e anglicanos) em oposição ao ensino calvinista, creiamos na doutrina arminiana (aliás católica...) de que é possível resistir à Graça de Deus e que portanto o ordinando pode deixar de receber, ou de manifestar, a "união" do Espírito Santo.

4.º Os anglicanos julgam, exactamente como os metodistas, que a ordenação de alguém é o separar desse alguém para o ministério, como eles entendem que apenas pode ordenar quem tem para isso autoridade na igreja. Os anglicanos, porém, à semelhança dos Wesleys, gloriosos

fundadores do metodismo, têm repugnância em admitir a inovação protestante de reconhecer em simples presbíteros autoridade para ordenar. De facto não se encontra na Bíblia um único caso de ordenação que não fosse feita por um Apóstolo ou por seu delegado, como também não se acha na história da Igreja indivisa, ou na dos seus ramos oriental e ocidental, um único exemplo de se reconhecer regular a ordenação que não fosse efectuada por detentor desse "munus" apostólico, ou seja, aquele que desde o Século II tem o nome de "bispo". Por esse motivo os anglicanos não reconhecem autoridade para ordenar, senão a um bispo possuidor daquilo a que se chama "sucessão episcopal histórica" ou seja "SUCESSÃO APOSTÓLICA". Pode-se discutir o valor espiritual dessa "sucessão" como até se pode discutir o valor de qualquer ministério ordenado (os "Irmãos de Plimouth", por exemplo, negam-no); agora negar a **existência histórica** dessa "sucessão", é negar a própria História. John Wesley sentia tanto a lógica dessa atitude que demorou quanto pôde a decisão de ordenar ministros; episcopal convicto, o fundador do meto-

dismo nunca criou "bispos" em Inglaterra, porque reconhecia ali a existência dum episcopado verdadeiro, embora o fizesse para a América onde esse episcopado não existia.

A ordenação irregular de ministros por presbíteros, marcou "ipso facto" o cisma do lado metodista. Parece intuitivo que o acabar desse cisma seja a volta ao princípio, o regresso ao costume dos Apóstolos e da Igreja primitiva, enfim, a revalidação de ordens irregularmente conferidas. A causa do cisma do lado anglicano, ou seja a oposição aos métodos e à mensagem de Wesley, já foi removida há muito. Se J. Wesley tivesse assistido à recente "Missão de Londres" promovida pelo bispo da diocese, Dr. Wand, em que os processos metodistas primitivos foram amplamente reivindicados, teria dito bem alto aos seus seguidores do Século XX — "Voltai! É a IGREJA!"

No entanto, a perspectiva de re-união, não é tão sombria como a notícia a que nos reportamos deixa entrever. A Igreja Metodista, há dois anos, no Sul da Índia, consentiu nalguma coisa que se pode chamar uma **re-ordenação velada**; e tudo indica que, em Ceilão, vai consentir em algo muito menos velado...

Nós mantemos firme a convicção de que o Metodismo nunca se encontrará a si mesmo, enquanto não se encontrar de novo no seio da Igreja Mãe.

Problemas Ecuménicos

Ré-União e Ré-Ordenação

Pelo Rev. Dr. Luis C. R. Pereira

AS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE

1 de Janeiro: Circuncisão de Nosso Senhor (S. Lucas 2:21)
 6 de Janeiro: Epifania (S. Mateus 2:1-12)
 25 de Janeiro: Conversão de S. Paulo (Actos 9:1-22)
 2 de Fevereiro: Purificação da Bem-dita Virgem (S. Lucas 2:22-40)

22 de Fevereiro: Cinzas. Início da Quaresma (Isaias 58:5-7)
 24 de Fevereiro: S. Matias (Actos 1:15-26)
 25 de Março: Anunciação da Bem-dita Virgem (S. Lucas 1:26-38).

NO ÁTRIO

Celebrações do Mundo Cristão:

Semana Universal de Oração, promovida pela Aliança Evangélica Mundial, de 1 a 8 de Janeiro.

Dia Universal de Oração da Mulher Cristã, 12 de Fevereiro.

Domingo da Bíblia na Europa, indicado pelas Sociedades Bíblicas, 5 de Março.

DIA DE ANO BOM

O 1.º de Janeiro, começo do ano civil, foi-o desde a antiguidade pagã, e nele era costume as pessoas oferecerem umas às outras lembranças de amizade e desejarem-se um ano novo feliz. Não faz mal que os cristãos imitem esse costume.



NA NAVE

CINZAS

"...debaixo de si saco e cinza..."

Isaias 58:5

"Eis que para contendas e debates jejuais, e para dardes punhadas impiamente: não jejuais como hoje, para fazerdes ouvir a vossa voz no alto. Seria este o jejum que eu escolheria: que o homem um dia aflijta a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco, e estenda debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aprazível ao Senhor?" (Isaias 58:4 e 5).

Cinza, recordação duma perda, símbolo duma saudade, adorno da morte, veículo do nada — se o nada pode acaso ter veículo!

Um pouco de pó de vagos minérios; pó frio,

inerte, indeciso, de cuja companhia se escapou o calor e o movimento, a forma e a côr, tudo, enfim...

Cinza! Vaidade! Foste alva túnica de donzela, tronco adusto de roble, flor perfumada do jasmineiro, águia possante das alturas? Que importa? Agora és pó inútil e igualitário, provenhas do corpo do homem mais sábio e santo ou da fera incrivelmente estúpida e cruel.

Por isso outrora os homens em desespero ou aflicção, os criminosos apanhados pelo remorso do seu crime, os pecadores arrependidos do seu pecado, se cobriam de cinza, se sentavam em cinzas ou lançavam cinza ao ar...

Não condena Deus o sentimento que levou o homem caído em si a manifestá-lo em tal espectáculo de desânimo e de dor, como fizeram os ninivitas nos dias de Jonas. Mas se for estéril o processo, se a árvore ferida não der flor nem fruto, então Deus condena a ascese inútil. Ele — o Divino Agricultor — fere a terra para a tornar fecunda, poda a árvore para lhe aumentar e robustecer o fruto, fere o fruto do sicómoro para o amadurecer e adoçar, como fazia Amós, o profeta-pastor e pomareiro, nos dias de Jeroboão II.

Cinzas, sim, mas cinzas na alma, em dia de pesar e de repugnância pelo mal que nos cerca e tenta; no dia universal que vivemos em vergonha, a vergonha da raça, apanhada em falta, em nudez e em miséria.

Mas que o dia seja de libertação própria e mútua, de hospitalidade e oferta, de simpatia e carinho, entre os que foram resgatados por Jesus Cristo.

"Porventura não é este o jejum que escolhi: Que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? E que deixes livres os oprimidos e despedaces todo o jugo? Porventura não é, também, que repartas o teu pão com o faminto e recolhas em casa os pobres desterrados? E vendo o nú o cubras e não te escondas da tua própria carne?" (Isaias 58:6 e 7).

O illustre publicista e ministro episcopal brasileiro Rev. George Upton Krischke, in

"A Bíblia no Brasil", números 2 e 3, dá-nos umas interessantes notas acerca das edições bíblicas em língua portuguesa, escolhendo o que lhe pareceu mais interessante do que está publicado a esse respeito, e que o leitor poderá encontrar com maior desenvolvimento no op. da agência da Sociedade Bíblica, de Lisboa, "O Defensor da Verdade", 1928, a "Expansão da Língua Portuguesa no Oriente, nos séculos XVI, XVII e XVIII", por David Lopes, 1936, na "Selecta Clássica", de João Ribeiro, e no artigo "Bíblia", da "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", onde o director de ECCLESIA

EDIÇÕES BÍBLICAS

NOVO TESTAMENTO
1.ª VERSÃO DE ALMEIDA

reuniu o maior número de informações obtidas em anos de pesquisas.

As notas do Rev. G. Krischke, a que o seu competente autor deu o desenvolvimento próprio para a revista onde as publicou, são acompanhadas pela similigravura do frontespício da edição do N. T. de 1712, de Amesterdão, na qual se diz por equívoco ser a primeira. A continuação das notas, no n.º 3 da mesma revista, desfaz o engano, pois se refere à edição de 1681, que é de facto a 1.ª. Desta damos aqui à estampa o frontespício. Tivemos em mão durante algum tempo o exemplar pertencente ao nosso amigo snr. engenheiro Samuel Schwarz, illustre escritor e bibliófilo, e esperamos ainda um dia fazer uma

modesta mas honesta crítica do seu estilo, por sinal muito afastado das edições recentes, cada



uma delas diferente das anteriores e nem sempre com progresso apreciável.

SOMBRAS EM FUNDO AUREO

JOSÉ NUNES CHAVES

O rev. José Nunes Chaves foi padre católico romano. Enquanto, porém, exerceu o seu ministério na igreja onde fora ordenado presbítero, cedendo assim a exigências de família, nutriu sempre a esperança de poder vir um dia a ensinar o Evangelho em que, como algumas vezes no-lo disse, fora educado desde a infância. E a propósito referiu-nos ele um acontecimento deveras extraordinário e profundamente trágico, e que sempre conservou nitidamente na memória em todos os seus horríveis detalhes, ocorrido em casa de seus pais quando tinha apenas cinco anos de idade.

O pai do rev. Chaves era médico em Portimão e seguia a política de D. Pedro IV. Tinha por costume ler e explicar ao filho vários trechos bíblicos. Um dia chamou para junto de si o pequenito e, sentando-o nos joelhos, passou a ler e a comentar o sublime capítulo VI do Evangelho de S. Mateus. Pouco depois, e sem que qualquer circunstância fizesse perceber a prática de tão horrível atentado, foi a casa invadida por uma chusma de miguelistas, que logo se arremessaram sobre o indefeso liberal, assassinando-o bárbaramente na presença da inocente criança que, aterrada, contemplava tão selvagem espectáculo!...

Como dizíamos, o rev. Chaves, quando padre da igreja romana, esperava que Deus lhe deparasse ocasião oportuna de poder exercer livremente o ministério cristão, ensinando o puro Evangelho de Cristo. Efectivamente, em 1876 apresentou-se à autoridade da "Igreja Episcopal Reformada" estabelecida em Lisboa, pedindo para ser recebido no grémio desta igreja.

(De "O Evangelista", de 1893, p. 160)

A propósito do Domingo

por João Bosc

QUANDO alguém diz, a propósito do domingo: "não tenho tempo", isso quer muito simplesmente dizer: "Não quero saber do tempo nem do Deus que mo dá, não quero tempo marcado; gosto mais de viver uma vida sem tempo, quer dizer, uma vida sem nenhum sentido, por ser uma vida que não reconhece a obra de Deus para a qual existe o tempo, é, por conseguinte, como um homem que afirmasse: "Não quero vida, prefiro morrer". No sentido da Bíblia, é um louco ou um estúpido. Assim o Domingo é como uma iminência que nos permite dominar o tempo, o nosso tempo, pois aprendemos nele a conhecer as grandes etapas da obra de Deus.

Cristo reúne em Si as virtudes ideais do homem e da mulher, do mancebo e da donzela, da velhice e da meia idade, do europeu e do asiático. Tudo o que de mais nobre e forte há nos homens, tudo o que de mais gracioso e terno nas mulheres, tudo o que de mais atraente e insinuante nas criancinhas, tudo o que é amável em qualquer pessoa, se encontra no nosso amado Senhor, em Quem não há gentio nem judeu, nem servo, nem livre, nem macho, nem fêmea, pois que Cristo é Tudo e em Todos.

S. B. Myer

Falando no seu trabalho no púlpito, dizia um pregador popular: "Eu sempre grito quando não tenho que dizer".

Lutero

S Í N T E S E

O LUGAR DA POIMÉNICA NA TEOLOGIA E NO PENSAMENTO CRISTÃO EM GERAL

A Teologia Pastoral, ou Poiménica, não é, de forma alguma, um compartimento estanque da ciência da Divindade, nem o é tão-pouco da vida cristã, antes me parece ser ela toda a teologia, todo o pensamento, toda a arte, vistos de determinado ângulo: a preparação prática e a acção continuada e progressiva do pastor-de-almas na Igreja e na Sociedade; no seu lar e nos lares; na catequese local assim como no movimento das ideias humanas e da sua elocução.

E senão vejamos: O pastor necessita dum conhecimento profundo da sua Bíblia, num sentido de aplicação prática, pois essa é a base da sua formação cultural e espiritual. Se o pastor-de-almas é um real vocacionado, direi mesmo que necessita e **quer**. **Quer**, deveras. Ele **viverá** a sua Bíblia, tanto em método isagógico, exegético e hermenêutico, como em espírito ansioso, ambicioso e humilde. Mas como o agricultor necessita de conhecer tanto a terra como a semente que lhe lança; como o médico necessita de conhecer tanto a patologia como a farmácia galénica; como o maravilhoso Da Vinci se sentia atraído quase tanto pelo estudo da química das côres e da anatomia das formas vivas como pela sua própria intuição e sua visão artísticas, na contemplação da natureza e da vida, também o pastor-de-almas cultivará a filologia e a psicologia sob o seu ângulo peculiar. Isto é: necessita de estudar a alma e a língua do povo, num sentido prático de aplicação profissional, direi melhor, apostólica. A homilética e a catequética, ou sejam a pedagogia, a retórica e a dialéctica respeitantes à actividade pastoral, são, pois, servas da teologia pastoral.

Um missionário de passagem por qualquer ponto do mundo poderá prègar um sermão objectivamente tanto ou mais belo que os do pastor local, mas terá a menos o elemento pastoral — o conhecimento subjectivo do seu rebanho, a vivência das suas necessidades particulares.

Quantas vezes penso que o Missionário Celeste, para ser o Pastor e Bispo das nossas

almas, passou a sua adolescência e a sua juventude na oficina dum **tekton** (ou construtor civil e marceneiro, como hoje se diria), estando assim em contacto com operários, pescadores, donas-de-casa, proprietários urbanos e rurais, enfim com todos os aspectos do formigueiro humano. Sonhadores heterodoxos há que O fazem viajado pela China e o Indústão, quando Ele convivia, muito mais proficuamente, com a alma humana. Viagem misteriosa, essa, que poucos têm sabido realizar!

Levemente enunciei a diferença entre as secções da matéria teológica, quando autonomizadas, para procurar fazer ver as mesmas secções desde um ângulo peculiar.

O pastor ideal, presbítero em ordens sacras, é o cristão a quem Deus, pela vocação, pela formação e pela ordenação, deu o dom de subordinar todas as manifestações da vida ao cuidado das almas que o cercam. Ele deve saber visitar, conversar, consolar, pregar, ensinar; bom será que, sendo necessário, possa reger um côro, ornamentar uma sala de festas, organizar um passeio ao campo, rir com os pequeninos, preparar um programa social, promover um retiro espiritual, realizar uma conferência literária ou de vulgarização científica, fora do seu meio habitual, mas onde suavemente e lealmente saiba insinuar-se. Ele tem por modelos formidáveis, perdoai o inusitado da adjectivação, os colóquios de Nosso Senhor com Nicodemos e a Samaritana, de um lado, e o Sermão da Montanha, do outro lado. E ele mesmo só o saberá imitar se tiver contacto real e constante, não meramente com o Dogma mas com a Pessoa, não só vivendo o Cristianismo mas convivendo com Cristo — o Cristo Vivo que acorre à chamada da alma ansiosa, como ao rapazinho enfermo desse delicioso conto de Eça, "Suave Milagre".

Ao pastor, se lhe criticam a bonomia social, convem que saiba fazer calar os fariseus. Se lhe censuram o fervor místico, convem que saiba passar por de-cima dos profanos. Se lhe combatem o pendor intelectual, convem que possa envergonhar os obscurantistas.

Há, pois, repito, uma hierarquia, ou uma corrente de serviço, ligando gradativamente todas as ciências e **ipso facto** todas as partes da ciência teológica. Assim como a exegese serve a hermenêutica, e a hermenêutica serve a dogmática, e a dogmática serve a homilética, esta por sua vez é serva da poimênica nos seus objectivos. Pois quais são eles? A cura de almas, em todos os seus aspectos. Pregamos para convencer, conduzir a Deus, edificar, promover a santidade do lar e do indivíduo. Assim, de modo algum nos interessa o "dogma pelo dogma", mas sim o dogma ao serviço de Deus e das almas, a **doutrina serve do Amor**. E a exegese em si mesma seria uma arte estéril se não a vitalizasse o alvo hermenêutico. Que importa saber como se interpreta uma dada frase da Bíblia (Palavra divina que nos recreia e consola e instrui) se não para dela se extrair o ensinamento vivo e, por assim dizer, **contagioso**? E para quê o ensinamento, se não o aplicarmos a nós e aos outros, nesse divino **contágio**?

Ouçamos, **exempli gratiae**, o cântico angélico do Natal:

"Glória a Deus nas alturas

"Paz e boa vontade aos homens, na terra".

A exegese do texto necessita, neste caso, de socorrer-se da isagoge filológica, para considerar se a "boa vontade" se refere aí a Deus doador ou aos homens agraciados. Do estudo rigoroso da frase grega sobe-se à análise da poesia hebraica, na sua estrutura de paralelos ideológicos ou "rimas de ideias", que providencialmente se não perdeu (como se teria perdido a rima de sons nas várias versões) ao passar do aramaico para o **koinè** do Novo Testamento; e assim haveria de resistir por milénios às versões sucessivas em todos os idiomas importantes da terra.

Preparado o aparato exegético, este se entrega à hermenêutica, interessada em saber, pelo contexto bíblico, se "boa vontade" é condição volitiva para os humanos alcançarem a paz, ou se a paz e a boa vontade são, ambas, graças divinas feitas ao homem desqualificado pela perversão original. Discute-se assim o mais profundo problema das Escrituras Sagradas, que envolve aspectos vários, desde a predestinação do homem e da soberania de Deus, até ao optimismo pedagógico e à liberdade do ser para quem Deus apela. Problema que, atingindo a própria essência

divina, nunca poderá ser totalmente resolvido pelo homem, na sua limitação terrena. E assim vemos a hermenêutica servindo a dogmática, e esta servindo a homilética, no apelo da evangelização.

Conquistado, enfim, um duplo princípio axiomático: por um lado, que a boa vontade é um dom perfeito, e que todo o dom perfeito vem de Deus, como o afirma Santiago; por outro lado, que sem boa vontade em nós desenvolvida jamais poderemos alcançar a paz, a homilética está agora armada de elementos preciosos, só necessitados da prática e do conhecimento pastorais para uma aplicação prudente e eficaz no rebanho particular. O pregador será um pedagogo optimista, certo de que, pregando, a palavra "não voltará para Deus vazia", e que "o seu trabalho não é vão no Senhor": e será um analista austero do mundo pecador, onde não há mais que "chaga pôdre não espremida nem ligada..." (Isaías 1:6).

Essa prática do pastor socorrer-se-á da política e da jurisprudência e da etnologia, para conhecer o meio em que vive; da psicologia para estudar em si mesmo o indivíduo "seu próximo"; da lógica para sistematizar os pensamentos; do estilo para lhes dar força e beleza. E em breve veremos toda a ciência, todo o pensamento, todo o esforço, vistos de certa posição, usados perante um alvo comum, disciplinados sob um mesmo mandato: "Prega a Palavra, insta a tempo e fora de tempo, convence, repreende, exorta com toda a paciência e ensino" (2.ª a Timóteo 4:1-2).

Nesse belo programa paulino é alvejado simultaneamente o evangelista e o pastor. De facto o pastor é sempre um evangelista. A distinção entre um e outro é só questão de ênfase, ênfase que um dá à quantidade e o outro à qualidade; um à multidão e o outro ao indivíduo; o evangelista ao desbravar e semear, o pastor ao regar, mondar e colher, sem que, contudo, dentro do evangelista deixe de haver o pastor, que ama cada alma, e dentro do pastor deixe de haver o evangelista, que ama as almas todas.

A cruz servir-nos-á de útil gráfico para ajudar a compreender a estreita afinidade do pastor com o evangelista, ou da Igreja com a Missão. A Igreja e o seu pastor são a haste da cruz firmada no solo duro deste mundo, simbolizando o Cristianismo em profundidade. São a verdade **vertical**, a força centrípeta do Evangelho no

"vinde" de Jesus Cristo, ou seja a Catholicidade da Fé. A Missão e o evangelista são os braços que nascem do tronco da Igreja e apregoam a Apostolicidade da Fé, simbolizando o Cristianismo em extensão. São a verdade **horizontal**, a força centrífuga do Evangelho, o "ide" de Jesus Cristo.

Evidentemente, a Igreja nasceu de uma missão anterior, mas vive, verdadeira e normal, na criação de novas missões, germe de novas igrejas. O pastorado é filho da evangelização e o pastor, vivo e progressivo, traz consigo a marca da origem. A Igreja ideal empunha, acordada e alegre, a palma da vitória, em vez de dormir à sombra dos louros conquistados.

Um outro aspecto deste assunto é certa atitude eclesiológica do pastor, que enunciarei da seguinte forma: se o pastor estudar cada texto bíblico numa exegese unilateral, fazendo tábua rasa da hermenêutica histórica, desdenhando o consenso patrístico, onde há muita escória mas muito ouro, onde há muita queda mas muita ascensão, resulta de aí a multiplicação de escolas e a proliferação de seitas. O homem que constroi o seu próprio templo, que sairá forçosamente pequeno, por ser produto do seu esforço isolado, e assim proporcionado à sua fraca envergadura, sente-se um gigante dentro desse templo, o que poderá ser diagnosticado como um caso de megalomania mística, mais ou menos difícil de curar. Contudo, se ele entrar numa gigantesca catedral, feita e refeita por várias gerações, logo terá a sensação sã da sua pequenez, e buscará integrar-se na "nuvem de testemunhas" de que falam aquelas pedras. Eis modestamente ilustrado o caso da interpretação individualista, que eu não quero de forma alguma confundir com a experimentação pessoal das Escrituras e o livre exame delas.

Quantos "amigos de Cristo" desdenham o Credo chamado dos Apóstolos, fruto da angústia de séculos, de outros muitos "amigos de Cristo" — para impor ao próprio Cristo, na maneira como O pregam, sua maneira de O ver!

"Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus", é a regra apostólica. "Amái-vos uns aos outros como eu vos ameí", é a regra do Mestre. E o Credo não é espartilho que nos oprime mas é cadeia que nos une.

A propósito podemos ainda considerar: deve porventura o estudante de química contentar-se

com as fórmulas dos tratados por onde estuda? Decerto que não: E pode porventura o estudante de química desdenhar as fórmulas que no laboratório vai repetir? Também não decerto. Desde os tristes dias do gnosticismo e do arianismo até às modernas seitas negadoras dum linha eclesiástica e dum clima católico, quantos erros têm sido acumulados pela múltipla interpretação de frases arrancadas ao texto glorioso das Sagradas Escrituras — a santa tessitura da túnica inconsútil de Jesus, a rolo escrito nas duas faces, onde o atrevimento herético não tem lugar para um til ou um hífen.

Crede-me: aqueles que negaram a autoridade da Igreja Primitiva, unida e unânime, que nos deu o Cânon, desencadearam forças libertárias unilaterais que conduziram tantas almas sinceras ao areal do racionalismo teológico ou à floresta inextrincável das novidades abstrusas.

Para o ministro de Deus se abre uma vasta região de pensamento e de acção, que é todo um mundo visto de certo canto da Vida e do Amor: "Amas-me, Pedro? Amas-me? Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas!"

Continuação da página 13

Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior

Este ilustre membro do clero lusitano evangélico, ministro da Congregação de S. Paulo, em Lisboa, aceitou um honroso convite para realizar, associado com a Igreja Unida do Canadá, uma obra missionária em Nova Lisboa, Angola, para onde partiu em 8 de Dezembro com sua família.

À partida do "Império" acorreram numerosas pessoas, sendo a despedida extremamente carinhosa e bem demonstradora da simpatia conquistada desde longos anos por aquele amigo e companheiro de lutas e de trabalho.

O Colendo Sínodo Geral, por intermédio do Rev. Presidente, convidou o Rev. Eduardo Henriques Moreira a assumir interinamente o cargo de ministro da referida Congregação.

Curso de Preparação de Evangelistas

Está aberta na Secretaria da Congregação de S. Paulo (Marianos, Lisboa) a inscrição para este curso, regido pelo director da **Ecclesia**. Os interessados deverão ali informar-se acerca de programa e horário.

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

CONGREGAÇÕES E MISSÕES

- LISBOA** Igreja de S. Pedro—Largo das Taipas
 Igreja de S. Paulo—"Marianos"—Rua das Janelas Verdes
 Igreja de Jesus—R. Quatro de Infantaria, 70-1.º—(Sede provisória)
- P O R T O** Igreja do Redentor—R. do Visconde de Bóveda e R. do Barão de S. Cosme, 223
- VILA NOVA DE GAIA** Igreja de S. João Evangelista—Torre
 Igreja do Salvador do Mundo—Arco do Prado—Devezas
 Igreja do Bom Pastor—R. do Rei Ramiro—Candal
 Igreja de Cristo—Outeiro—Oliveira do Douro
- SETUBAL** Igreja do Espírito Santo—Bairro Salgado
- ALCACER DO SAL** Igreja de Cristo Remidor
- E V O R A** Missão dos Martires da Fé—Beco do Chantre
- CAMPANHÃ (Porto)** Missão de Santo Estêvão—R. do Azevedo
- VALBOM (Gondomar)** Missão de Santiago Apóstolo—Largo da Arroteia
- A M O R A (Seixal)** Missão de Santo André—Avenida Marginal Silva Gomes, 16

SÍNODO DIOCESANO DA IGREJA

Presidente:

Rev. António Ferreira Fiandor
 Residência: Torre—Vila Nova de Gaia

Secretário:

Rev. Agostinho Ferreira Arbiol

Membros:

Rev. Josué Ferreira de Sousa
 Rev. José Pereira Martins
 Rev. Armando Pereira de Araújo
 Rev. José Maria Leite Bonaparte
 Rev. Augusto Nogueira

(Um representante secular de cada uma das Congregações a cargo dos Presbíteros do Sinodo).

Ecclesia

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos

Rua do Carmo, 82

LISBOA



Tabacaria Aliança

Rua de Santo António, 19

P O R T O

Ecclesia

	Assinatura	Venda avulso
Império Português	20\$00	6\$00
Países Estrangeiros	26\$00	7\$50



Assinatura anual — 4 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos ministros da Igreja Lusitana.